

COSMOGONIAS E ESPAÇO

- O RELATO DAS ORIGENS -

JOSÉ A. ORTA*

O Símbolo, o mito e o rito exprimem um complexo sistema de afirmações coerentes sobre a realidade última das coisas.

Mircea Eliade

1 - NO PRINCÍPIO ERA O CAOS

É nosso propósito reflectir aqui, ainda que de forma breve, sobre as cosmologias das sociedades primitivas, fazendo uma referência particular à organização primordial do espaço. Mas reflectir sobre o espaço neste tipo de sociedades, como sobre qualquer outro aspecto da sua organização, exige, quase sempre, uma referência ao discurso do sagrado. Tudo o que é importante, desde o discurso das origens, passando pelo discurso do parentesco, do político, do económico até à grande parte das representações das tarefas do quotidiano, tem uma explicação ou uma associação com o sagrado. "É provavelmente uma exigência do espírito humano - diz François Jacob - ter uma representação do mundo que seja unificada e coerente. Na sua falta aparecem a ansiedade e a esquizofrenia. E é preciso reconhecer que, em matéria de unidade e de coerência, a explicação mítica é muito superior à científica".⁽¹⁾ E a cosmologia primitiva é uma cos-

mologia mítica, onde os mitos "sem a menor hesitação, respondem a qualquer questão e resolvem qualquer dificuldade por um simples e único *à priori*".⁽²⁾ Daí que, nessas sociedades, o sagrado esteja omnipresente no simbólico do social e do natural.

É o eixo dialógico que articula a relação sagrada e profana que se descoloca, quando comparamos sociedade primitiva e sociedade não primitiva. Sem nos querermos debruçar aqui sobre estas últimas sociedades, assinalemos contudo, de passagem, que nelas o horizonte do profano é muito mais vasto e o sagrado muito mais distante e inacessível. Nelas também, parece-nos, é bem mais profundo o fosso maniqueísta entre os dois polos deste binómio. Ao contrário, nas sociedades primitivas não é só o espaço do profano que é menor; o profano está impregnado de sagrado; o sagrado convive com o homem no quotidiano. O sagrado está no centro da vida social.

Falar de discurso do sagrado exige falar de cosmologias e de cosmogonias. Um e outro conceito "têm campos semânticos de tamanho desigual, tendendo o primeiro destes termos a englobar o segundo. Com efeito, o antropólogo pode definir a cosmologia como um conjunto de crenças e de conhecimentos, como um saber composto, que abrange o universo natural e humano; a cosmogonia (parte da cosmologia centrada na criação do mundo), por

* Docente da ESE de BEJA

seu lado, expõe, sob a forma de mitos, as origens do cosmos e o processo de constituição da sociedade".⁽³⁾

O discurso simbólico exprime, por vezes de forma transbordante, o discurso das origens. Com a cosmogonia, o homem pretende explicar o *anthropos*, o *ethnos*, o *chronos* e o *oikos*, isto é, o homem, a sociedade, o tempo e o espaço. O *anthropos*, enquanto realidade ontológica, só faz sentido se integrado no *ethnos*; não é mais de que um elo, de que uma realidade transitória de relação entre duas gerações no seio de uma realidade permanente e absoluta que é o parentesco. O parentesco é quase tudo e, estruturalmente, é o todo social. É a estrutura plurifuncional, que se oferece enquanto ossatura organizacional para a totalidade social. O parentesco é o *ethnos* por excelência, porque *ethnos* fora do parentesco não existe.

Quanto ao *oikos* e o *chronos*, a sua organização está sempre relacionada com a organização do *ethnos* e o significado do *anthropos*. A cosmologia é uma totalidade coerente, já o dissemos. O acto primordial, a transformação do CAOS em COSMOS, é o seu ponto de partida. E a cosmificação é a introdução da ordem no caos, é a introdução do *chronos*, é a introdução do *oikos*. A linguagem do *chronos*, é a linguagem dos ritmos, é a linguagem dos ciclos, é a linguagem dos retornos perpétuos, é a linguagem da recriação permanente do acto primordial, do acto da criação. A linguagem do *chronos* é a rejeição do tempo. Os mitos do eterno retorno⁽⁴⁾ exprimem simultaneamente a linguagem do *chronos* e a rejeição do tempo.

A paragem simbólica do tempo, através da construção dos ciclos, é uma vitória do *ethnos* sobre o *chronos*. É o triunfo social da vida sobre a morte. É o *ethnos* a encontrar a solução para a perpetuação do *anthropos* para além da tragédia humana que é a morte. É o triunfo do *ethnos* sobre a finitude do *anthropos* e a inexorabilidade do *chronos*.⁽⁵⁾

Mas a cosmificação é obra de um "deus otiosus que, depois de ter dado forma à sua obra, se retira para longe dos homens. A sua intervenção limitou-se a dar

forma a uma matéria préexistente, informe. Em parte alguma se trata de uma criação ex-nihilo".⁽⁶⁾ Este "Ser Supremo [que] criou o Mundo e o homem... cedo abandonou as suas criações retirando-se para o Céu. Por vezes não terá mesmo acabado a criação... a criação foi completada pelos Antepassados míticos, eles próprios também criados pelo Ser Supremo antes de se retirar para além das estrelas. Este deus vive isolado dos homens, indiferente às questões do mundo".⁽⁷⁾

O discurso sagrado é, acima de tudo, o discurso das origens. E nas origens está deus e estão os antepassados míticos.

Vemos, assim, que o discurso do parentesco é também o discurso do sagrado. Os antepassados míticos completaram a obra divina e são o sagrado activo. Deus retirou-se para as alturas. Os espíritos dos antepassados vivem entre os vivos. A linguagem do parentesco é, por isso, a linguagem do sagrado.

Com os mitos das origens explica-se a estrutura social, o papel dos antepassados míticos na construção da estrutura das relações sociais: a gerontocracia, a aristocracia, o estado, enfim todas as relações sociais.

O *oikos*, esse também, não faz sentido senão no contexto da totalidade cosmológica. "Oikos é uma palavra grega que significa 'casa'".⁽⁸⁾ Por extensão e complexificação do conceito nasceu a ecologia, a ciência da casa/natureza, que procura compreender os mecanismos complexos que se estabelecem entre o *ethnos*, a *bios* e a *physis*, entre a entropia crescente que cresce com a complexificação social e a generatividade ecossistémica que impede ou retarda o desaparecimento do grande ecossistema terra.

Mas o significado do conceito compreende também a organização do espaço enquanto dimensão antropológica, desde o espaço natural produtivo (espaço agrícola, espaço de pesca, espaço de caça), até ao espaço territorial político, até à organização da habitação e à estrutura das cidades lá onde elas existem. É neste sentido que vamos abordar o *oikos*: espaço organizado onde se organiza a vida social.

2. A ORIGEM DO OIKOS NOS MITOS DAS ORIGENS

Segundo os mitos cosmogónicos só os espaços ocupados ou ocupáveis pelos homens foram objecto de cosmificação. Os mares, os desertos e os pântanos continuaram pertencendo ao domínio do caos. "O mundo que nos rodeia, no qual se sente a presença e a obra do homem (...) tem um arquétipo extraterrestre, concebido quer como um 'plano', como uma 'forma', quer pura e simplesmente como uma 'réplica' que existe a um nível cósmico superior (...) as regiões desérticas (...) selvagens, incultas, etc., estão consubstanciadas no caos; participam ainda da modalidade indiferenciada, informe, anterior à criação. É por isso que quando se toma posse desses territórios, ou seja, quando se começa a explorar, se realizam ritos que repetem simbolicamente o acto da criação; a zona inculta é primeiro 'cosmificada' e em seguida habitada".⁽⁹⁾

São aqui apontados dois tipos de discurso de natureza sagrada que se apresentam como fundamentais no pensamento simbólico primitivo no que concerne a organização primordial do espaço: o discurso do mito cosmogónico; e o discurso do arquétipo celeste enquanto modelo sagrado. Sigamos de perto Mircea Eliade no que concerne o segundo aspecto.

Em certas civilizações os espaços construídos e os territórios onde o homem vive são réplicas de arquétipos celestes: "Todas as cidades da Babilónia tinham os seus arquétipos nas constelações: Sippar em Câncer, Ninive na Ursa Maior, Assur na Arcturo, etc."⁽¹⁰⁾ O mesmo autor afirma que "Uma Jerusalém celeste foi criada por Deus antes de a cidade de Jerusalém ter sido criada pela mão do homem..."⁽¹¹⁾ e que "todas as cidades reais indianas, mesmo modernas, são construídas pelo modelo mítico da cidade celeste, onde habitava, na Idade do Ouro (*in illo tempore*), o Soberano Universal. E, tal como ele, o rei esforça-se por fazer reviver a Idade do Ouro, por tornar actual um reino perfeito... É assim, por exemplo, que o palácio fortaleza de Si-

hagiri, em Ceilão, é construído segundo o modelo da cidade celeste de Alakamanda, e é 'de um acesso difícil para os seres humanos'.⁽¹²⁾

O espaço é sagrado porque é réplica das origens. Mas o espaço é o invólucro dos homens e das suas relações sociais. Por isso, ao mesmo tempo que o espaço é sacralizado, sacraliza-se a sociedade toda inteira. Por outras palavras, a realidade social existe porque se encontra consubstanciada no sagrado e encontra, por isso, no discurso do sagrado, toda a legitimidade para se reproduzir. O discurso sagrado do espaço, que em parte se confunde com o discurso sagrado da sociedade, ultrapassa os limites da leitura da relação do homem com o meio. É o discurso que legitima por excelência. É o discurso que, produz consentimento pela força da temeridade ao divino, reproduz o todo social que é mostrado como fatalidade e por isso inquestionável ao nível das práticas sociais.

Vejamos agora a mensagem dos mitos cosmogónicos. Uma das mitologias mais notavelmente estudadas é a dos Dogon do Mali, trabalho que se deve especialmente a Griaule. Este povo quando desbrava um terreno para aí praticar a agricultura, fá-lo em espiral. Porque foi sob a forma espiral que o mundo foi criado. "Os campos dispõem-se de forma a representarem o mundo em minutura. Em princípio formam uma espiral... em volta de três campos rituais, um por cada um dos cultos fundamentais. Em primeiro lugar, mais próximos do centro, encontram-se os campos que pertencem aos grupos consanguíneos. Seguem-se-lhes os que pertencem aos indivíduos. Realizam-se sacrifícios nos templos situados ao longo da espiral, começando pelo mais próximo do centro. O próprio processo de cultivo e a forma Dogon de trabalhar os campos estende o significado simbólico da disposição em espiral à acção simbólica, de acordo com ela".⁽¹³⁾

O mito explica a organização primordial do espaço natural, mas legitima ainda a acção do homem, a sua vida social, os rituais agrícolas nomeadamente. Ao agir, aqui concretamente na agricultura, o homem recria o acto cosmogónico porque

"quando se começa a explorar, se realizam ritos que repetem simbolicamente o acto da Criação".⁽¹⁴⁾

Vejamos agora a sociedade Yoruba. Os Yoruba ocupam actualmente uma vasta região do sul da Nigéria e ainda parte do Benin e do Togo. Esta civilização desenvolveu notavelmente o trabalho do ferro e da argila. A sua arquitectura é de tal forma magnífica que alguns autores a comparam àquela que os períodos áureos da Grécia e de Roma clássicas conheceram.⁽¹⁵⁾ O seu mito cosmogónico explicita assim o relato das origens: Oluwa-Olodonmaré (Oluwa = Grande Deus; Olodonmaré = todo o amor) "enviou Oduduwa do céu para as águas, numa canoa, munido de alguns frangos e dum saco com areia; ele despejou o conteúdo do saco sobre as ondas e os frangos encarregaram-se de espalhar a areia que deu origem ao primeiro solo; em seguida, apareceram os homens, Ifé foi construído e Oduduwa tornou-se rei".⁽¹⁶⁾ Mais tarde, Aouaranyan, filho de Oduduwa, expande-se para norte e funda uma nova capital. Os Yoruba, doravante, passam a ter duas capitais: Ifé-Ifé capital religiosa, lugar da residência de Oni, o rei-sacerdote; Oyo, cidade onde vive o rei-guerreiro, Alafin, chefe máximo ao nível da autoridade política e militar.⁽¹⁷⁾

A análise do mito Yoruba revela-nos várias questões. Ifé-Ifé é capital religiosa porque o mundo irradiou a partir dela, e por isso é também o centro do mundo⁽¹⁸⁾; se o centro do mundo se encontra em território Yoruba, se este foi por isso o povo eleito, fica assim, a partida, legitimado qualquer expansionismo; Oyo é capital guerreira porque o seu fundador foi guerreiro e é o primeiro descendente directo do primeiro antepassado mítico; a civilização Yoruba é um reino e as suas relações sociais de desigualdade são legítimas porque estão consagradas no mito; este simbolismo do centro oferece fundamentos suficientes para legitimar, neste povo, comportamentos etnocêntricos (O *ethnos* Yoruba está no centro do mundo), comportamentos que se apresentam como característica universal de todos os povos. O etnocentrismo não é, aliás, uma realidade arcaica. É uma reali-

dade permanentemente actualizada em todo o planeta pelo discurso e pelas práticas.

Aqui também, para além de explicar a relação do homem com as origens e com a natureza, o mito apresenta-se como mediador das relações sociais. Das relações sociais internas, por um lado, porque mais uma vez o poder é sacralizado e esta sacralização assegura o consentimento. Aqui, como no primeiro caso, na interface da religião com o social encontramos a ideologia. Isto é, enquanto discurso legitimador da existência social e da sua reprodução, a religião é também discurso ideológico. Assume igualmente esta função de mediador, isto é, de discurso ideológico, nas relações sociais com o exterior - na ocorrência guerreira porque se trata de um povo guerreiro.⁽¹⁹⁾ E assume esta posição porque as práticas etnocêntricas se fundamentam, entre os povos primitivos, nos discursos etnocêntricos que são discursos sagrados.

NOTAS

(1) François Jacob - *O Jogo dos Possíveis*, Gradiva, Lisboa, 1989, p. 25.

(2) *Ibidem*, p. 25/26.

(3) Suzanne Lalande - "Cosmologia, Cosmogonia", in Marc Augé (org.) - *A Construção do Mundo*, Ed. 70, Lisboa, 1978, p. 27.

(4) Ver Mircea Eliade - *O Mito do Eterno Retorno*, Ed. 70, Lisboa, 1978.

(5) Sobre os conceitos de *anthropos*, de *ethnos*, de *chronos* e de *oikos* ver Bernardo Bernardi - *Introdução aos Estudos Etno-Antropológicos*, Ed. 70, Lisboa, 1978.

(6) W.R.L. Randles - *L'Empire du Monomotapa*, Mouton, Paris/La Haye, 1975, p. 100.

(7) Mircea Eliade - *Aspectos do Mito*, Ed. 70, Lisboa, 1986, p. 82.

(8) B. Bernardi, op. cit., p. 66.

(9) M. Eliade - *O Mito do Eterno retorno*, p. 23/24.

(10) *Ibidem*, p. 22.

(11) *Ibidem*, p. 22.

(12) *Ibidem*, p. 23.

(13) Aido van Eyck - *La interioridad del Tiempo*, p. 23. (policópia)

(14) M. Eliade - *O Mito do Eterno Retorno*, p. 24.

(15) Masudi Alabi Fassassi - *L'Architecture en Afrique Noire/Cosmoarchitecture*, Maspero, Paris, 1978, p. 76.

(16) S. Lalande, op cit, p. 33.

(17) M. A. Fassassi, op cit, pp. 77/78.

(18) Sobre a "Simbologia do Centro" ver M. Eliade - *O Mito do Eterno Retorno*, pp. 26-32.

(19) M. A. Fassassi, op cit..

RANK XEROX

**TEMOS TODOS
OS EQUIPAMENTOS
PARA O SEU
ESCRITÓRIO**



Contacte-nos já!

JV
JV.- Sociedade de Representações, Lda

telef. 2 21 67

C.C.Carmo Lj 4-8 BEJA

**X Distribuidor
Autorizado
Rank Xerox**

Xerox o diálogo inteligente

fotopax

.RETRATOS DE ARTE

.FOTOGRAFIA PROFISSIONAL

Rua de Mértola, 63

7 800 BEJA

FRIMAIS

SOCIEDADE DE REFRIGERAÇÃO E AR CONDICIONADO, LDA.

- . EQUIPAMENTOS HOTELEIROS
- . COZINHAS E LAVANDARIAS INDUSTRIAIS
- Representante ZANUSSI
- . AR CONDICIONADO
- Representante FNAC

Rua dos Açoutados, 17

☎ 2 35 23 7800 BEJA

